

UM CAMINHO COMPARTILHADO: A IMPORTÂNCIA DO MEIO MALEÁVEL NOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO EU E DA IDENTIDADE PSICOTERAPÊUTICA¹

A shared path: the importance of the Flexible Means in the construction processes of the Self and psychotherapeutic identity

MARIA LUIZA GOULART PICCININI²

RESUMO: O presente artigo apresenta uma revisão teórica do conceito de Meio Maleável, criado por Marion Milner e retomado por René Roussillon. Para chegar à função Meio Maleável do clínico, fez-se necessária uma introdução à teorização sobre o processo de simbolização de Roussillon. Para melhor compreender esta revisão teórica, utilizou-se vinhetas clínicas do caso de uma criança em atendimento psicoterápico. Ainda, a autora propõe uma reflexão acerca do seu processo de construção, de *vir-a-ser* psicoterapeuta de crianças e adolescentes, a partir da vivência clínica e do conceito explorado ao longo do trabalho. Para complementar, ideias de autores como Donald Winnicott e Thomas Ogden também foram utilizadas.

PALAVRAS-CHAVES: Simbolização. Meio Maleável. Psicoterapia.

ABSTRACT: This article presents a theoretical review of the concept of Flexible Means, created by Marion Milner and resumed by René Roussillon. The Flexible Means therapist function required an introduction to the symbolization process theory approached by the same author. Clinical vignettes of a child's psychotherapy were carried out in order to better understand the theoretical review. Also, the author proposes a reflection about her own construction process of becoming a child and adolescent psychotherapist, based on her clinical experience and in the concept explored along this article. Ideas of authors such as Donald Winnicott and Thomas Ogden were also contemplated.

KEYWORDS: Symbolization. Flexible means. Psychotherapy.

¹ Adaptação do trabalho premiado na Jornada Interna do CEAPIA de 2022, orientado por Cláudia de Carli.

² Psicóloga. Psicoterapeuta da infância e da adolescência pelo CEAPIA. E-mail: mlpiccinini@hotmail.com.

As necessidades do Eu e o processo de simbolização

Considerando o último trabalho teórico-clínico a ser escrito na minha formação do CEAPIA, não pude deixar de pensar sobre o meu processo de *vir-a-ser* psicoterapeuta da infância e da adolescência. Interessaram-me muito os escritos de René Roussillon acerca da *maleabilidade do objeto (do clínico)*, então me propus a refletir, pautada nos conceitos de simbolização e maleabilidade do objeto deste autor, sobre a importância da maleabilidade do psicoterapeuta nos processos psicoterápicos e analíticos, especialmente com crianças. Ainda, autores como Winnicott e Ogden contribuíram para essa reflexão.

Para ilustrar esse processo e compreender ainda melhor a função do Meio Maleável, apresentarei o caso de Jorge,³ paciente que acompanhei em psicoterapia por um período de quase três anos. Entendo que durante o processo pude auxiliá-lo em um processo doloroso e complexo de separação da mãe.

Desde o início dos estudos psicanalíticos é possível compreender que o sujeito quando nasce precisa que necessidades específicas sejam atendidas, a fim de manter sua sobrevivência e contribuir para um funcionamento de integração suficientemente bom. Sabe-se que além da satisfação de suas necessidades autoconservativas, como mamar e dormir, o Eu tem “necessidades qualitativas” – termo proposto por Roussillon para designar as necessidades psíquicas que um sujeito precisa que sejam atendidas para se manter vivo. Estas são as que possibilitam uma atribuição de forma e sentido às experiências vividas, ou seja, é a partir da satisfação das necessidades qualitativas do Eu que o processo de simbolização acontece (Roussillon, 2012/2019).

E quais são as necessidades qualitativas do Eu? São as necessidades de troca e partilha entre o sujeito e o seu entorno primeiro, isto é, a mãe ou seu substituto. Para que o bebê sinta-se existindo é necessário um olhar atento, disponível e constante do objeto. É necessário que a mãe atue como um espelho – função essa já explorada por Winnicott (1971/2019). É por meio do olhar da mãe que o sujeito pode sentir-se, ver-se, escutar-se. É um momento no qual ele necessita confirmações e ecos do outro para que possa identificar o que vem do exterior e o que vem do seu interior (Roussillon, 2012/2019).

Nesses primeiros encontros com o objeto, o prazer compartilhado pela dupla é fundamental. É a libido produzida no primeiro vínculo sujeito-objeto que instala a função simbolizante no psiquismo. É preciso que o bebê sinta que seu objeto tem prazer naquela relação, como nos traz de forma bela e detalhada Roussillon (2004) em seu texto “A dependência primitiva e a homossexualidade primária em duplo”. Nas palavras do autor, “o prazer é sentido no ‘ballet’ do encontro com um outro semelhante, um outro percebido em seu movimento de espelho do sujeito” (p. 8). Ainda, propõe que nesse encontro é necessário uma partilha *estésica* e emocional. Não esmiuçarei esses conceitos, mas entendo válido pontuar que dizem respeito ao compartilhamento de

³ Todos os dados de identificação do caso foram alterados para preservar o sigilo do paciente.

sensações corporais, assim como uma sintonia afetiva entre a mãe e o bebê (Roussillon, 2004).

Fica evidente, assim, a necessidade do psiquismo materno para o bebê se constituir enquanto sujeito. O processo de simbolização acontece por meio da capacidade da mãe de transformar para o bebê aquilo que Freud (1896/1986) chamou de “traço mnésico perceptivo” – registrado a partir do primeiro encontro com o objeto – em uma forma mais simbólica (representação-coisa). Em um segundo tempo, a representação-coisa será transformada em representação-palavra, por meio do aparelho de linguagem. O processo de simbolização é, portanto, o trabalho de elaboração da matéria-prima psíquica, no qual o sujeito apropria-se da experiência vivida, sendo o psiquismo materno o primeiro ambiente simbolizante (Roussillon, 2012/2019).

Para esclarecer ainda mais as características necessárias do objeto para que o processo de simbolização aconteça, Roussillon (2012/2019a) retoma o termo “Meio Maleável”, criado por Marion Milner (1955). Para o autor, é necessário que a mãe tenha as propriedades de um meio maleável, que são “propriedades de um certo modo de relação e comunicação primitivas com o objeto, que supõe disponibilidade, sensibilidade, constância, indestrutibilidade, etc.” (p. 190).

O ambiente Meio Maleável é pré-concebido e desejado pelo sujeito. É no encontro primitivo que o bebê deve experimentar o Meio Maleável e os esforços recíprocos entre ele e o seu objeto para partilharem os mesmos estados afetivos e compreenderem-se um ao outro. O autor propõe que o objeto Meio Maleável, por meio de suas propriedades, evidencia as premissas do ambiente que viabilizam o processo de simbolização (Roussillon, 2012/2019). Retomarei esse conceito mais adiante.

“No fim somos sempre nós dois”: nós e marcas de um não encontro

E o que acontece quando o que há é um não encontro entre o olhar da mãe e do bebê no momento inicial? Quando a mãe não dispõe suficientemente das propriedades de um Meio Maleável, o processo de simbolização não acontece, ou acontece de forma deficitária, já que não há a tradução da matéria-prima psíquica em representação-coisa. Assim, ambos ficam presos em uma relação de desprazer. Nas palavras de Roussillon (2012/2019c, p. 187),

... um bebê tem um *élan* por um objeto, mas o objeto não está disponível ou não é sensível, ou é inatingível; o *élan* do bebê não encontra sinal de eco no objeto, ele se quebra nesse modo de presença do objeto que não o reconhece. O gesto do *élan* não dá em nada e retorna para o sujeito como portador da marca dessa ausência de encontro.

É isso que ocorre, por exemplo, em mães deprimidas. O objeto que se encontra disponível “por obrigação”, que não proporciona previsibilidade e afeto, não satisfaz às necessidades do Eu, que se sente incapaz de gerar prazer em seu

objeto. Isso faz com que se crie um clima de insegurança nessa relação, contribuindo para um prejuízo no processo de integração e apropriação subjetiva (Roussillon, 2012/2019).

Os quadros clínicos de pacientes de estados-limite denunciam esse não encontro entre o sujeito e seu primeiro objeto, ou então, um encontro traumático entre eles. Roussillon (2012/2019) retoma Stern (1985) e diz que a dificuldade de ajuste na “coreografia corporal primeira” (o investimento do corpo e do rosto da mãe para adequar-se ao ritmo do seu bebê) é a raiz das falhas narcísicas que originam as patologias psicossomáticas. A psicossomática surge, assim, a partir de um prejuízo no processo de simbolização (Roussillon, 2015).

Esse parece ser o caso de Jorge, um menino de 9 anos, que chegou para tratamento aos 6, com a queixa de um quadro psicossomático. A indicação fora feita por médicos, que, entendidos do componente emocional da doença, haviam orientado a família a buscar uma psicoterapia.

Ao chegar para atendimento, Jorge mostrava-se muito ansioso e tinha medos intensos. Com o início do processo de avaliação e o decorrer dos atendimentos, fui percebendo alguns aspectos importantes para a compreensão do caso. Fruto de uma gravidez não planejada, tampouco desejada, Jorge nasceu em um ambiente instável; preto e branco. O pai desaparecera um tempo antes do nascimento. Diante disso, bem como das mudanças em sua vida com a chegada do bebê, Clara, mãe de Jorge, acabou desenvolvendo um quadro grave de depressão pós-parto e refugiando-se do mundo na relação com Jorge. Penso que se estabeleceu assim um nó; uma relação simbiótica e indiferenciada entre Jorge e Clara.

Ao tratar daquilo que o Eu necessita para sobreviver, Roussillon (2012/2019) entende como fundamental os esforços do bebê para manter sua individuação no encontro com outros sujeitos. A experiência afeta o sujeito e ele necessita do auxílio do outro para construir o que “vem de dentro” e o que “vem de fora”. É isso que possibilita o início do processo de diferenciação do Eu do não Eu. Penso que devido à relação estabelecida inicialmente entre Jorge e Clara, esse sistema de categorização e organização não pôde ser desenvolvido em Jorge.

Roussillon (2015) relembra: “nós não podemos nos separar, a não ser dos objetos com os quais um laço satisfatório e suficientemente seguro tenha sido construído” (p. 115). Diante de um encontro deficitário e de uma indiferenciação entre Eu e não Eu, o processo de separação parece inviável. O trabalho com Jorge consistiria então em auxiliá-lo em seu processo de separação da mãe e descoberta do Eu.

Uma nova possibilidade: encontro com um Meio Maleável

Conforme o aporte teórico realizado até aqui, é notório que para a satisfação das necessidades do Eu é imprescindível um modo específico de presença

do objeto primeiro, detentor das propriedades de um Meio Maleável. Sobre a prática clínica, André Green formulou uma reflexão: “o clínico deve fornecer ao sujeito a resposta que deveria ter sido a dos seus objetos de referência histórica” (Green, citado por Roussillon, 2012/2019, p. 211).

O trabalho do psicoterapeuta consiste em identificar o que fracassou na história do sujeito, em seu encontro primitivo com o objeto, e oferecer agora o que ele precisa para o seu processo de integração e apropriação subjetiva. O psicoterapeuta exerce, desse modo, uma função simbolizante (Roussillon, 2012/2019).

Dentre as funções simbolizantes do psicoterapeuta, neste trabalho vou dar atenção a algumas delas. A “função reflexiva” do clínico é aquela que, pelo seu modo de presença, “reflete para o sujeito um eco dos seus estados internos, sensoriais – e então, afetivos e pulsionais – e lhe fornece assim os referenciais e capacidades de ligação necessários ao trabalho psíquico” (p. 213). Além disso, Roussillon (2012/2019) propõe que o psicoterapeuta seja “objeto *por* simbolizar”, no encontro com a sua diferença e alteridade, e “objeto *para* simbolizar” esses encontros.

A questão do “objeto *para* simbolizar” de Roussillon refere-se à problemática do “uso do objeto” proposta por Winnicott (1971/2019). O autor entende que há uma diferença entre o relacionamento e o uso de objetos. Enquanto o primeiro se refere a uma experiência do sujeito como algo isolado, o objeto ainda como um conjunto das suas projeções, o segundo, o uso do objeto, pressupõe um objeto real, outro, que compartilha a realidade com o sujeito. Trago o exemplo do autor: dois bebês estão sendo amamentados no seio; um deles se alimenta do *self*, já que bebê e seio ainda não são entendidos separadamente; o outro se alimenta de um objeto não Eu, diferente, que pode ser tratado com descuido e sem que isso tenha efeitos sobre ele (a menos que o objeto o retalie) (Winnicott, 1971/2019).

O que se situa entre o relacionamento e o uso de objetos é a colocação, pelo sujeito, do objeto para fora da sua área de controle onipotente, ou seja, a percepção que o sujeito tem do objeto enquanto fenômeno externo. Então, a mudança da relação ao uso supõe que o sujeito destrua o objeto, porque é real e também é real porque pode ser destruído. A mãe, enquanto ambiente facilitador, é quem deve conduzir o bebê da relação ao uso de objetos, o que exige que sobreviva a essa destrutividade. O indivíduo só poderá chegar em uma posição de crescimento emocional se tiver uma sobrevivência real dos objetos investidos (Winnicott, 1971/2019).

Ogden (2016) relembra que os objetos primários precisam ser resistentes e constantes, ao serem tratados sem consideração e sem cuidado. O bebê confia nessa sobrevivência real do objeto. A mãe deve permitir ser destruída, porque é capaz de sobreviver, por ser um adulto, com emoções maduras e capacidades próprias, que a auxiliam a tolerar essa experiência. Ela deve ser capaz de recuperar sua percepção de mãe suficientemente boa mesmo tendo sido destruída. É importante, inclusive, que comunique sua sobrevivência de forma viva e afetiva ao bebê.

Em suma, para que o bebê reconheça o outro enquanto um ser diferente de si, ou seja, para que a noção de exterioridade se estabeleça, é necessário que o ambiente sobreviva à sua destrutividade e ajude na classificação de dados sobre o que é/vem dele (bebê) e o que é influência do mundo externo. Nessa época, o entorno deve auxiliar o sujeito a construir esses sistemas de categorização, a partir dos quais sua subjetividade poderá se organizar (Roussillon, 2012/2019).

Tendo experimentado o contato com um objeto não sobrevivente, o sujeito necessita que o clínico agora sobreviva aos seus ataques não retraindo-se, nem retaliando. Destaco uma terceira característica fundamental proposta por Roussillon (2012/2019a, p. 216): “o clínico deve se mostrar criativo e vivaz”. Quando, no encontro primeiro, o bebê não se encontra com um objeto-mãe Meio Maleável, uma nova oportunidade para o trabalho de simbolização se dará na presença de um objeto-clínico Meio Maleável.

Roussillon (2012/2019) entende que, para auxiliar nesse processo, o psicoterapeuta pode propor objetos para os quais é possível que a criança “transfira” a falta experimentada nos primeiros encontros, e assim, estes tornar-se-ão símbolos primários. Roussillon entende que experiências psíquicas, na origem da representação-coisa, podem ser percebidas no brincar da criança por meio de um tipo determinado de objeto concreto – por exemplo a massa de modelar – que ele propõe chamar de “objetos Meio Maleável”, ampliando então o conceito de Milner (1955).

Milner (1955) reflete que, por meio da brincadeira dos seus pacientes com um “meio maleável”, foi capaz de perceber aspectos do processo terapêutico que estavam sendo externalizados, em razão das características flexíveis do meio, que podia assumir diversas formas, constituindo assim uma base para a comunicação. A autora cita como exemplo a tinta, que, por se esparramar pela folha, possibilita que uma cor, ao unir-se a outra, seja capaz de formar uma terceira, sem demandar, apenas esperando e sujeitando-se ao que fazem com ela. Milner (1955) conclui que a tinta “espera que o pintor tome-se cada vez mais sensível às suas qualidades e capacidades reais” (p. 139) e, assim, entende que “a tinta faz para o pintor algumas das coisas que uma boa mãe faz pelo seu bebê” (p. 140).

Embasado nessas ideias, Roussillon (2012/2019) sugere que, por meio desses objetos Meio Maleável, objetos *para* simbolizar, a criança pode produzir representações-coisas, simultaneamente simbólicas e concretas. Alicerçada nesses entendimentos, recordo uma sessão com Jorge, na qual brincávamos com a massinha de modelar, cada um com um pedaço. Jorge gostava da massinha amarela e a brincadeira sempre acontecia com essa única cor de massinha, apesar de outras cores também estarem disponíveis. Ele pegava a massinha da minha mão e unia os pedaços, depois separava e entregava-me um pedaço novamente. Isso se repetia... Ficamos entre juntar os dois pedaços e separá-los... Enquanto essa cena ocorria, eu pensava no processo de juntar-separar, encontro-não-encontro, entre Jorge e sua mãe. Por fim, o pedaço virou um só novamente. Compartilhei com Jorge, então, um pensamento: “Sabe o que eu fi-

quei pensando, Jorge? Essa massinha amarela tem nos acompanhado em todas as sessões... que tal se a gente desse um nome pra ela?”. Apenas no *a posteriori* pude dar-me conta do que eu estava propondo. Sugerir que déssemos um nome, uma forma, um contorno, para algo até então informe. Eu nomeei que a massinha amarela existia, estava ali conosco. Jorge me respondeu entusiasmado: “Que tal Massaroca?!”.

Brincamos mais um tempo... Jorge separou novamente a Massaroca em duas partes. Entregou-me o pedaço menor e disse, que por ser menor, era a filhinha. A parte que ficou com ele, maior, era a mãe. Então eu disse: “Temos a Massaroca-mãe e a Massaroca-filha”. As Massarocas ficavam num constante movimento de juntar-separar e eu ia nomeando esse processo. Ainda chamávamos Massaroca-mãe e Massaroca-filha as duas partes da massinha amarela, quando fui surpreendida por Jorge, que, depois de um tempo em que brincávamos em silêncio, me disse: “Que tal se agora a gente der um nome para a filha?”. Assim nasceu a Moca. “Duas. Diferentes uma da outra. Cada uma, inclusive, com nome próprio”. Foi o que consegui responder a Jorge.

Freud (1913/1974) já dizia que por via do animismo era possível dar uma forma perceptível e concreta para os processos da psique. Como bem articula Roussillon (2012/2019), é na presença do clínico que se torna possível transformar vivências de ilusão e destruição em trabalho simbólico e representativo. A partir da reorganização no *après-coup* do mundo das experiências ilusórias, por meio desse novo modelo de relação, dessa nova vivência subjetiva, é que o processo de simbolização tem início.

Para o autor, a relação com o psicoterapeuta é central. É este quem garante a função da utilização do objeto concreto (como exemplo, a massinha de modelar) para a simbolização e oferece o amparo às necessidades do Eu. O trabalho do psicoterapeuta é de coassociatividade, a partir da cadeia associativa do paciente. É ele quem dá sentido à experiência em pauta por meio do seu jogo associativo. É essa comunicação psicoterapeuta-paciente que possibilita que o sujeito simbolize e aproprie-se da experiência de sofrimento que foi transferida e investida no encontro clínico (Roussillon, 2012/2019).

Ainda nessa sessão, Jorge questionou curioso: “O que será que acontece se a gente misturar outra cor de massinha à Moca?”. Assim, Jorge iniciou um rico processo de experimentação. Começou pela massinha vermelha. Misturou um pedaço da massinha vermelha à Moca, que começou a ficar alaranjada... Jorge ficou maravilhado com o resultado, surpreendendo-se e olhando-me, parecendo buscar um contentamento em meu olhar. Também me senti encantada pelo processo e disse que a Moca estava se transformando... ficando diferente da Massaroca... estava ganhando características próprias. Jorge, sentindo-se corajoso, mas ainda um pouco hesitante, pegou a massinha de modelar azul e, então, uniu a massinha azul à Moca, que foi adquirindo mais uma nova tonalidade. Por várias sessões consecutivas, Jorge ocupou-se de proporcionar à Moca novas cores e possibilidades, um verdadeiro processo de transformação, colorido e vivo.

Jorge parece representar por meio da Moca o seu processo de *vir-a-ser*. A Moca/Jorge pode ser muitas coisas. Satisfez-se diante da possibilidade de se ver separado e com forma. Talvez essa cena ilustre uma possibilidade de expansão do seu Eu. Aqui recordo o “prazer compartilhado” de que tanto nos fala Roussillon (2015, p. 100): “se o afeto, a sensação ou a emoção é partilhado, então ele começa a se tornar ‘mensagem’, ele começa a ocupar um lugar no sistema de troca e de comunicação, ele abre às formas de simbolização”. Penso que a depressão pós-parto de Clara pode ter impedido o prazer compartilhado dessa dupla no encontro inicial.

Propriedades das quais eu não abriria mão

A partir da leitura do artigo “Do que eu não abriria mão”, de Thomas Ogden (2005), e do estudo sobre o conceito de Meio Maleável de René Roussillon, pretendi refletir sobre a minha construção enquanto psicoterapeuta de crianças e adolescentes e as propriedades das quais eu não abriria mão. Entendo que para que o trabalho de simbolização aconteça não basta a presença de um objeto Meio Maleável concreto. São necessárias a intervenção e a maleabilidade do psicoterapeuta para acionar a atividade de representação. Inspirado nas propriedades sensoriais e materiais da massa de modelar, Roussillon (2012/2019) estabelece as características fundamentais que o ambiente precisa combinar para exercer sua função de Meio Maleável.

Ser apreensível e consistente; a massa de modelar tem um aspecto próprio e convoca à utilização, já que está por modelar. Ela é acessível, já que é simples pegá-la na mão ou guardá-la, assim como não gruda, nem se prende; é absolutamente disponível e receptiva. Ela é fiel quando lhe é dada uma forma, conservando-a. E isso se mantém até que lhe deem outra forma, sendo assim, constante. Independente do formato que receba, ela mantém sempre as mesmas qualidades: é previsível. É transformável, porque assume a forma que lhe for dada. É resistente, já que não se deteriora com o uso, ao mesmo tempo que é sensível, porque registra qualquer inscrição em sua área. Ela é indestrutível... é possível bater, jogar, cortar, esmagar... ela apenas muda de forma, mas mantém as suas propriedades. Além disso, é animável, sendo possível atribuir-lhe uma forma de vida. Quanto maior o uso da massinha de modelar, mais se mostra capaz de representar e materializar os processos da psique. Essas são também as propriedades que se espera encontrar num ambiente simbolizante. Roussillon (2012/2019a, p. 232) ressalta ainda que

... existem propriedades totalmente essenciais ao desenvolvimento da função simbolizante, mas que não se pode alcançar com um objeto Meio Maleável não humano; são qualidades específicas dos contatos humanos, os do afeto e da sua partilha. São eles, com efeito, que colorem a utilização do meio e o valor deste; eles são essenciais à introdução da experiência e à sua integração.

Entendo que a massinha de modelar é um facilitador do processo de simbolização, mas não é por si só o processo de simbolização. É necessário uma compreensão do que está sendo encenado para que possa ser traduzido ao paciente. Essa leitura só pode ser feita por um psicoterapeuta capaz de ser maleável. Ainda, penso que o trabalho de construção de um psicoterapeuta seja inerente a este processo, no momento em que vai exercendo no encontro com o paciente a sua capacidade de ser maleável.

Antes de concluir, relembro aquilo que embasa a teoria winnicottiana: “a psicoterapia ocorre na intersecção entre duas áreas do brincar: a do paciente e a do terapeuta” (Winnicott, 1971/2019b, p. 69), que pressupõe que a dupla possa brincar, já que é no brincar que criança e adulto podem ser criativos. A criatividade é fundamental para a descoberta do Eu (Winnicott, 1971/2019) e a capacidade de imaginar é primordial no setting analítico, já que viabiliza inúmeras experiências no pensar, brincar e sonhar (Ogden, 2005).

Penso ser imprescindível que um psicoterapeuta tenha as características de um Meio Maleável para exercer o trabalho psicanalítico com crianças e adolescentes. É necessário proporcionar a pacientes como Jorge um ambiente seguro, estável, constante, sobrevivente, afetivo e, sobretudo, vivo, como elucida Anne Alvarez (1992/1994). Considero, ainda, que é preciso que o psicoterapeuta seja capaz de brincar de modo espontâneo.

Parafraseando Ogden (2005/2010, p. 17): “a psicanálise é uma experiência emocional vivida”. Entendo que a vivência clínica é o que dá sentido à teoria e que o processo de Jorge possibilita para ele um processo de descoberta do seu Eu, e para mim um processo de descoberta da minha identidade profissional e das minhas propriedades enquanto psicoterapeuta. Ao citá-lo neste trabalho, recordei a dedicatória de Winnicott, em seu livro *O brincar e a realidade* (1971): “aos meus pacientes, que pagaram para me ensinar”.

Referências

- Alvarez, A. (1992). *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- Freud, S. (1974). Totem e tabu. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (pp. 11-191). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913)
- Freud, S. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1896)
- Milner, M. (1991). A comunicação da experiência sensorial primária. In: M. Milner. *A Loucura Suprimida do Homem São* (pp. 89-117). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1955)
- Ogden, T. (2005). Do que eu não abria mão. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 12(3), 403-415.

- Ogden, T. (2010). Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. In: T. Ogden. *Esta arte da Psicanálise* (pp. 17-38). Porto Alegre: Artmed. (Originalmente publicado em 2005)
- Ogden, T. (2017). A destruição repensada em “o uso do objeto e relações por meio de identificações” de Winnicott. *Livro Anual de Psicanálise*, 32(2), 321-339.
- Roussillon, R. (2004). La dépendance primitive et l’homosexualité primaire en double. *Revue Française de Psychanalyse*, 68(2), 421-439.
- Roussillon, R. (2015). La dialéctica presencia-ausencia: para una metapsicología de la presencia. *Revista de la sociedad argentina de psicoanálisis*, 19, 93-116.
- Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher. (Originalmente publicado em 2012).
- Stern, D. (1985). *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1992)
- Winnicott, D. (2019). *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1971)